

“O olhar chinês sobre nós”: construção de metaimagens em *A China vence o passado* de José de Freitas e *Toda a China* de António Graça de Abreu

Charles Chon Neng Cheung

Universidade Católica Portuguesa, Portugal

DOI: <https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2026.50/pp.95-115>

Resumo

Neste artigo, explora-se a metaimagem portuguesa na literatura de viagem sobre a China, comparando *A China vence o passado* (1964), de José de Freitas, e *Toda a China* (2013-2014), de António Graça de Abreu. Com base na leitura integral e codificação temática, identificam-se 76 segmentos, codificados em cinco valências: “forasteiro bem acolhido”, “indesejável”, “exótico”, “português, povo periférico” e “avançado”. Com apoio dos dados quantitativos da codificação, é realizada uma análise imagológica das metaimagens, examinando e comparando o cenário, as vozes e as condições históricas. Em ambos os relatos, o viajante é interpelado como português, europeu, ocidental e estrangeiro — e é acolhido, rejeitado, exotizado ou desconhecido pelo “olhar chinês”. Freitas privilegia o institucional e o discurso reportado, com predominância de “forasteiro bem acolhido” e “indesejável” e ocorrências de “avançado”; Abreu enfatiza o quotidiano e a autoironia no espaço público, reforçando “exótico” e “português, povo periférico”. O estudo mapeia continuidades e deslocamentos diacrónicos na construção do “olhar chinês sobre nós”, oferecendo os primeiros dados empíricos para investigações da metaimagem neste par cultural.

Palavras-chave: Imagologia; Literatura de viagens; Codificação Temática; Portugal-China; José de Freitas; António Graça de Abreu.

Abstract

This article explores the Portuguese meta-image in travel writing about China by comparing *A China vence o passado* (1964), by José de Freitas, and *Toda a China* (2013-2014), by António Graça de Abreu. Drawing on complete reading and thematic coding, 76 segments are identified and coded into five valences: “welcomed outsider,” “undesirable,” “exotic,” “Portuguese, a peripheral people,” and “advanced.” Using quantitative data from the coding, an imagological analysis of the meta-images is conducted, examining and comparing settings, voices, and historical conditions. In both narratives, the traveler is interpellated as Portuguese, European, Western, and foreign—and is welcomed, rejected, exoticized, or ignored by the “Chinese gaze.” Freitas privileges the institutional and reported speech, with a predominance of “welcomed outsider” and “undesirable,” plus instances of “advanced”; Abreu foregrounds the everyday and self-irony in public space, reinforcing “exotic” and “Portuguese, a peripheral people.” The study maps diachronic continuities and shifts in constructing the “Chinese gaze on us,” offering the first empirical data for investigations of the meta-image within this cultural pair.

Keywords: Imagology; Travel Writing; Thematic Coding; Portugal–China; José de Freitas; António Graça de Abreu.

Introdução

A viagem não apenas transporta pessoas e objetos, mas também produz e circula imagens do Outro e de “nós”, que moldam percepções e identidades – temas críticos e permanentemente em debate. Entre a autoimagem (como nos vemos) e a heteroimagem (como vemos o Outro), ainda existe um entre-lugar a que chamamos “metaimagem”: a projeção de como supomos que o Outro nos vê (Leerssen, 2016, p. 24). Um exemplo conhecido surge na *Peregrinação* (1614) de Fernão Mendes Pinto (1509-1583), quando o narrador atribui a um menino chinês raptado uma crítica irónica à fé hipócrita dos piratas portugueses, sugerindo que os chineses veriam os gananciosos portugueses como devotos de boca, mas ladrões de facto (Pinto, 2023, pp. 211-212). Ao longo dos últimos quatro séculos, muitos outros portugueses também visitaram, imaginaram e narraram a China, construindo retratos do Outro e, por contraste, de si próprios (Yao, 2021, p. 199). Estudos anteriores sobre estes relatos da China abordam a heteroimagem dos chineses (Wang, 2023) e a formação da autoimagem portuguesa (Lopes, 2015, pp. 82-89), mas pouco se explorou o entre-lugar – a metaimagem.

Para ajudar a colmatar esta lacuna, o presente estudo exploratório recolhe e analisa dados empíricos relativos à construção do olhar chinês sobre portugueses em *A China vence o passado* (1964), de José de Freitas (?-?), e *Toda a China* (Volumes I e II, 2013-2014), de António Graça de Abreu (1947-). Enquanto a obra de Freitas desempenhou um papel relevante ao informar leitores portugueses sobre a China de Mao Tsé-tung no contexto do Estado Novo (Cardina, 2010, pp. 203-204), Abreu oferece ao Portugal democrático narrativas de viagens por todas as províncias chinesas na China pós-Mao em transformação societal entre 1977 e 2013. Assim, comparar *A China vence o passado* com *Toda a China* permite observar continuidades e deslocações na construção da metaimagem portuguesa, do “olhar chinês sobre nós”.

Em relação a estes dois títulos, colocam-se as seguintes três questões de investigação: (i) que tipos de metaimagem portuguesa são construídos? (ii) como são construídas estas metaimagens? (iii) que semelhanças e diferenças emergem entre os relatos dos dois viajantes-autores? Para responder a estas questões, procede-se à construção e análise imagológica de um *corpus* de metaimagens a partir de uma perspectiva indutiva. Importa esclarecer que o objetivo não é determinar o que os chineses efetivamente pensam dos portugueses, mas sim descrever como os dois viajantes-autores constroem esse “olhar chinês sobre nós”. Ao fazê-lo, procura-se contribuir para a consolidação da imagologia no eixo sino-português, oferecendo um primeiro mapeamento diacrónico de metaimagem portuguesa em relatos de viagens à China.

O artigo estrutura-se em três secções. Na primeira, delinea-se um enquadramento teórico-metodológico que articula a literatura de viagem, a contextualização histórica das obras e a imagologia. Em segundo lugar, apresentam-se os métodos de construção e organização do *corpus* de metaimagens, expondo resultados categorizados e quantificados relativos à construção de metaimagem. Na terceira e última secção, adota-se a análise imagológica para abordar, um a um, os tipos de metaimagem identificados, descrevendo-os, situando-os nos seus contextos de enunciação e comparando as suas construções entre os dois viajantes-autores.

1. Literatura de viagem, contextualização e imagologia

A China vence o passado e *Toda a China* são considerados, no presente estudo, como obras de “literatura de viagens”, termo que, em sentido lato, abrange escritos, relatos, crónicas e narrativas sobre “a deslocação no espaço [...] de alguém que relata, habitualmente na primeira pessoa, uma experiência que o leitor assume como real, instituindo-se o autor como protagonista da narrativa” (Castanheira, 2011, p. 391). Viajar e escrever pressupõem a procura da novidade. Contudo, o viajante não é uma tábua rasa; pelo contrário, leva consigo propósitos de viagem e preconceitos acerca de terras desconhecidas. Em simultâneo, os lugares visitados não são fixos: estão em transformação permanente, sujeitos a dinâmicas socioculturais, políticas, económicas, entre outras. Por isso, para estudar a obra, importa conhecer o contexto e o perfil do viajante-autor, bem como o seu itinerário e as suas condições pragmáticas de viagem.

Antes de *A China vence o passado* (1964), José de Freitas (?-?) escreveu cinco livros sobre a China e o Japão¹, todos estes publicados durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o que sugere um interesse sustentado pelo Extremo Oriente². Era filho de Amadeu de Freitas (1876-1932), jornalista de destaque que, em 1923, dirigiu, por um breve período, o influente diário *O Século*³. O próprio José de Freitas trabalhou como repórter no *Diário de Notícias*, *República* e *Diário Popular* e ganhou relevo no jornalismo português na década de 1950. Em 1964,

¹. Estes livros incluem: *Chang Kai Chek* (1941; Parceria A. M. Pereira); *A China Antiga e Moderna* (1941; Cosmos); *A Batalha do Extremo Oriente* (1942; Parceria A. M. Pereira); *O Imperialismo Japonês* (1944; Cosmos); e *O Plano Secreto Japonês para a Conquista do Mundo: (memorando Tanaka)* (1944; Livraria Francesa).

². Alguns dados biográficos de José de Freitas encontram-se em Caeiro (2016, pp. 51-54) e em Aresta (2021). Este último regista as datas de nascimento e falecimento de Freitas (1910-1976), um intervalo plausível face às datas documentadas dos seus títulos publicados. Todavia, no âmbito da presente investigação não foi possível localizar outras provas documentais que confirmem essas datas, apesar da pesquisa de documentos digitais na base de dados Digitarq da Torre do Tombo.

³. Alguns dados biográficos de Amadeu de Freitas encontram-se em Freitas (1923), “Almoço de homenagem a Amadeu de Freitas, redator principal de *O Século*” (1924), Marques (1981, p. 429) e Rebello (1984, pp. 77-78).

viajou pela China como correspondente do *Diário Popular* durante cerca de um mês, do qual resultaram reportagens publicadas nos jornais e a publicação de *A China vence o passado*. Este volume foi considerado pelo ex-maoísta Guerreiro Jorge (entrevistado em 2007 por Cardina, 2010, p. 202) como “passaporte interessante para a nossa chegada ao maoísmo”, embora “não marcado politicamente” nem censurado⁴. No mesmo ano de publicação, *A China vence o passado* teve uma segunda edição, com mudança de capa e adição de uma nota preambular de duas páginas. Considerando que não há passagens de metaimagem nesta nota à 2.^a edição, não se afigura problemática a utilização aqui da primeira edição, que se revelou mais acessível durante a investigação.

De acordo com *A China vence o passado*, José de Freitas obteve o visto após um ano de diligências. Chegou a Hong Kong e seguiu de barco para Macau, onde contou com o apoio de Hermann Machado Monteiro, Luís Gonzaga Gomes e Ho Yin. Com o jornalista macaense Choi Leong Seong, que muitas vezes era o único intérprete, Freitas atravessou a fronteira em Macau e entrou em Tai Leong (Daliang), onde foi recebido pelo governador local. Em Cantão, com o guia Fong, visitou comunas, fábricas e museus. Seguiu depois de comboio via Tchang-Xá (Changsha) para Han-Keu (Hankou) e continuou até Pequim, onde visitou bairros operários, escolas e instituições e reuniu-se com jornalistas e líderes da Associação de Cultura. Prosseguiu para Xangai e para as suas cidades-satélite industriais e voou para Hang-Tcheu (Hangzhou) e Nan-Tchang (Nanchang), regressando ao Sul da China. Embora Freitas sublinhe a sua independência – “enviado especial de um grande jornal e pago só por ele” (p. 41) e “exclusivamente com dinheiro do meu jornal” (p. 36) –, os relatos mostram que a viagem foi, muitas vezes, mediada e coreografada por autoridades chinesas.

António Graça de Abreu (1947-) terá lido *A China vence o passado* antes da sua primeira viagem à China, em 1977, tanto mais que se autodefinia como “meio maoísta” (Abreu, 2013a, p. 208). À semelhança de Freitas, a viagem teve uma finalidade profissional, mas de uma profissão diferente: exercer funções como professor de português e como funcionário da editora oficial Edições em Línguas Estrangeiras, na sequência de um convite do Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista), no âmbito das relações deste com o Partido Comunista da China (PCC) (Abreu, entrevista em Pinto, 2014). Contudo, a “crença” no maoísmo,

⁴. Quer no *Índice de Relatórios de Censura* (disponível em <https://ciencia.ucp.pt/files/115507260/indice-rel-censura.pdf>), compilado por Teresa Seruya e Maria Lin Moniz, quer no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, não se encontra qualquer relatório de censura relativo a *A China vence o passado*. Porém, todos os livros de José de Freitas referidos na nota 1 foram submetidos à Censura e autorizados (ver os relatórios 1311/41, 1619/42, 1759/42, 2672/44 e 2704/44). Note-se que os quatro primeiros dígitos destas referências correspondem aos números atribuídos inicialmente pelo órgão de censura e os dois últimos ao ano do despacho.

segundo o próprio viajante, desvaneceu-se rapidamente (Abreu, 2013b). Desde 1985, traduziu do chinês para o português – recorrendo também a versões em outras línguas europeias – uma peça de teatro e nove antologias de poesia chinesa, tendo obtido, em 1991, o Grande Prémio de Tradução Literária.

Segundo o viajante-autor, os dois volumes de *Toda a China*, publicados em Portugal em 2013 e 2014, reúnem 74 relatos escritos entre 1977 e 2013, alguns dos quais saíram na imprensa de Macau entre 2010 e 2013 (Abreu, 2013a, p. 18). Para concluir o projeto de “viajar por toda a China”, Abreu realizou, em 2013, uma última viagem de três meses por territórios chineses já conhecidos e inéditos (2013a, p. 18). Não se apresenta, portanto, um itinerário único e coerente, mas sim um conjunto de deslocações que atravessam tempos e espaços. Em muitos casos, as viagens de Abreu foram autónomas, não organizadas por instituições nem acompanhadas por guias, ao contrário das de Freitas em pleno período maoísta, marcado por um maior controlo de acesso e de liberdade de circulação. Além disso, Abreu dispunha de uma certa competência linguística em chinês-mandarim, que lhe permitia a comunicação direta com os locais. Os relatos articulam observação de terreno com conhecimento histórico da China, da poesia chinesa e da presença portuguesa nos lugares visitados. Acresce que o autor é casado com uma mulher natural de Xangai, com quem tem filhos, mantendo laços familiares na China (Abreu, 2013a, pp. 160-161). Tudo isto lhe confere uma relação mais próxima e pessoal com a China do que a de Freitas. Porém, os dois viajantes portugueses partilham um elemento visível – a aparência – que os permite se destacarem entre os chineses, onde quer que estejam na China.

Resumindo as diferenças do contexto histórico: enquanto o jornalista José de Freitas saiu do Portugal do Estado Novo, em 1964, para a China de Mao Tsé-tung – pouco depois do Grande Salto em Frente (1958-60) e da subsequente Grande Fome (1958-61) –, António Graça de Abreu partiu do Portugal pós-25 de Abril para a China pós-Mao (Mao faleceu em 1976), em rápida transformação rumo às reformas de abertura de Deng Xiaoping. Abreu viria, entre 1977 e 2013, a realizar numerosas viagens por todas as províncias da China, algumas delas mais de uma vez, testemunhando, assim, o desenvolvimento acelerado daquele país oriental. Por conseguinte, *A China vence o passado* e *Toda a China*, lidos em conjunto, constituem um campo fértil para a recolha e a análise de dados sobre metaimagens numa perspetiva diacrónica. Mapear as oscilações históricas das imagens nacionais e identificar os respetivos “pontos de viragem” são, segundo Leerssen (2016, p. 18), tarefas importantes para a imagologia.

A imagologia define-se como o estudo das imagens discursivas nacionais, orientado para compreender e desconstruir a sua lógica retórica e narrativa, em

vez de aferir uma realidade antropológica subjacente (Leerssen, 2016). Todas as imagens na literatura de viagem são, antes, palavras escritas pelo viajante-autor na retrospectiva, sendo esse um processo de seleção narrativa por natureza. Isto não nega a autenticidade do narrador, mas sublinha o pressuposto construtivista de que ninguém consegue reconstruir, de forma objetiva e integral, tudo o que ocorreu na realidade. Deste modo, a reconstrução de imagens na literatura de viagem é, em simultâneo, uma construção discursiva sujeita à experiência e ao conhecimento do viajante-autor. Quanto à metaimagem, os relatos nutrem a construção do olhar do Outro sobre o Nós, desde que tanto o “Nós” como o “Outro” sejam imagens generalizadas, definidas por um grupo homogêneo da mesma nação, cultura ou etnia. Para demonstrar a generalização de imagens nacionais, a análise imagológica tipicamente articula três planos complementares – textual, contextual e intertextual – para mapear a circulação dos lugares-comuns, situar historicamente a sua enunciação e descrever o seu funcionamento nos géneros e nas estratégias de enunciação.

Estudos existentes sobre metaimagens têm mostrado que as imagens aparecem hoje com frequência em registo irónico e que o antagonismo se intensifica precisamente no âmbito das metaimagens (Leerssen, 2016, p. 24). Num estudo de referência, Millas (2009) demonstra, para o caso do par grego-turco, que além de imagens negativas recíprocas, ambos os lados imaginam o olhar acusatório do Outro sobre o Nós. Estas imputações alimentam uma desconfiança persistente, mesmo após melhorias diplomáticas, e ligam-se a sentimentos de medo, insegurança e vergonha. Tendo em conta estas conclusões da literatura, o presente estudo exploratório não parte de uma hipótese *a priori*, mas concentra-se antes na recolha e análise de dados empíricos, por incidir num par cultural ainda pouco estudado em termos de metaimagens.

2. Construção, organização e apresentação do *corpus*

Para garantir transparência e replicabilidade, esta secção descreve os métodos de construção e organização do *corpus* e expõe, no final, os dados quantitativos de codificação. Na preparação do *corpus*, procurou-se incluir segmentos que pudessem sugerir o olhar chinês sobre os portugueses, nomeadamente discursos diretos e indiretos dos chineses, bem como observações e reflexões dos narradores sobre os comportamentos e pensamentos dos chineses. Dado que, em *A China vence o passado* e *Toda a China*, os portugueses são frequentemente referidos pelos narradores e interlocutores chineses como “europeus”, “ocidentais” ou “estrangeiros”, estas designações identitárias, quando dirigidas aos narradores-protagonistas e/ou aos “seus povos”, são igualmente consideradas como metaimagens dos portugueses. Todavia, todas estas designações serão codificadas separadamente, permitindo

uma distinção entre as mesmas na próxima secção de discussão, particularmente na subsecção 3.4.

Na construção e organização do *corpus*, combinaram-se métodos manuais e digitais de leitura, codificação, pesquisa de palavras-chave, categorização e organização com apoio do *software* de análise qualitativa NVivo (versão 15.3.0). A primeira edição de *A China vence o passado* (com cerca de 77 850 palavras) e os dois volumes de *Toda a China* (com cerca de 148 620 palavras no total) foram digitalizados e submetidos a reconhecimento ótico de caracteres (OCR) com a aplicação *vFlat Scan*, obtendo-se textos pesquisáveis. Não foi feito um controlo formal de qualidade do OCR, porque a leitura integral dos volumes físicos foi o procedimento principal, recorrendo-se à pesquisa digital apenas como apoio. Ainda assim, procedeu-se à correção de todos os segmentos incluídos, não se detetando problemas sistemáticos que afetassem as conclusões. A recolha e codificação dos excertos decorreram num processo iterativo, que incluiu três tarefas principais:

1. Leitura exploratória e integral, com marcação digital de ocorrências e identificação de palavras-chave relativas à construção de metaimagem;
2. Pesquisa digital nos volumes com variantes morfológicas e lexicais (caso aplicável) das entradas “português”, “Portugal”, “europeu”, “Europa”, “estrangeiro”, “Ocidente”, “ocidental”, “povo” e “nós”;
3. Codificação temática e indutiva de todos os segmentos recolhidos para a categorização em diferentes grupos.

Este processo iterativo de codificação foi conduzido por um único investigador, o autor do presente artigo. Para consistência, as categorias de códigos foram estabilizadas, revistas e aprimoradas ao longo do processo iterativo.

Realizado este processo iterativo de leitura e codificação, foram identificados 76 segmentos relacionados com a construção de metaimagem, incluindo cerca de 3 499 palavras. Os mesmos segmentos incluídos são classificados uma vez em cada uma das cinco categorias. As definições de cada categoria e subcategoria encontram-se na Tabela 1. Quanto às subcategorias, a coluna “Segmento” mostra a percentagem em relação à sua categoria subordinante. Por seu turno, as colunas “Freitas” e “Abreu” expõem percentagens relativas ao número total de segmentos naquela categoria ou subcategoria. Não são apresentados exemplos dos segmentos para cada categoria, visto que serão citados e discutidos na análise da próxima secção, à qual passamos agora.

Tabela 1. Distribuição de categorias e subcategorias das metaimagens codificadas.

Título	Definição	Segmentos	Freitas	Abreu
1. Âmbito identitário do “nós”	Escala a que o “Nós” é posicionado.	100% (76)	70% (53)	30% (23)
1.1 Estrangeiros	O “Nós” é tomado como estrangeiro na China.	50% (38)	74% (28)	26% (10)
1.2 Portugueses	O “Nós” é tomado como português.	26% (20)	70% (14)	30% (6)
1.3 Europeus	O “Nós” é tomado como europeu.	12% (9)	78% (7)	22% (2)
1.4 Ocidentais	O “Nós” é tomado como ocidental.	9% (7)	43% (3)	57% (4)
1.5 Americanos	O “Nós” é tomado como americano.	1% (1)	0% (0)	100% (1)
1.6 Russos	O “Nós” é tomado como russo.	1% (1)	100% (1)	0% (0)
2. Cenário da metaimagem	Tipo de espaço social onde o excerto constrói a metaimagem.	100% (76)	70% (53)	30% (23)
2.1 Institucional	Estabelecimentos formais (instituição oficial, escola, biblioteca, etc.).	39% (30)	83% (25)	17% (5)
2.2 Público	Transportes e espaços públicos urbanos (comboio, barco, rua, etc.).	34% (26)	50% (13)	50% (13)
2.3 Cívico-comercial	Serviços, consumo e hospitalidade (hotel, restaurante, livraria, etc.).	18% (14)	79% (11)	21% (3)
2.4 Indeterminado	Quando o local não é especificado ou é macrotopónimo (como “China”).	8% (6)	67% (4)	33% (2)
3. Modo de enunciação	Como a metaimagem é construída no texto.	100% (76)	70% (53)	30% (23)
3.1 Observação do narrador	Descrição, inferência ou comentário do narrador (sem voz local citada).	63% (48)	60% (29)	40% (19)
3.2 Discurso (in)direto do interlocutor	Voz atribuída a pessoas locais (direta ou indireta).	37% (28)	86% (24)	14% (4)
4. Tipo de metaimagem	O que se afirma ou insinua sobre o “Nós” e com que carga avaliativa.	100% (76)	70% (53)	30% (23)
4.1 Forasteiro bem acolhido	Recebido com simpatia, curiosidade positiva ou hospitalidade.	29% (22)	86% (19)	14% (3)
4.2 Indesejável	Alvo de suspeita, recusa ou antipatia.	28% (21)	90% (19)	10% (2)
4.3 Exótico	Salientado pela diferença ou pela rareza cultural.	26% (20)	40% (8)	60% (12)
4.4 Português, povo periférico	Visto como marginal ou desconhecido.	13% (10)	40% (4)	60% (6)
4.5 Avançado	Percecionado como moderno ou progressivo.	4% (3)	100% (3)	0% (0)
5. Voz local (real ou presumida)	Pessoas ou coletivos locais que servem de fonte.	100% (76)	70% (53)	30% (23)
5.1 Autoridades	Representantes e quadros institucionais (governadores, polícias, professores, etc.).	57% (43)	86% (37)	14% (6)
5.2 População	Indivíduos anónimos ou coletivos (passageiros, peões, crianças, etc.).	34% (26)	42% (11)	58% (15)
5.3 Serviços	Em atividade laboral (bilheteiros, engraxadores de sapatos, guias, etc.).	9% (7)	71% (5)	29% (2)

3. Análise textual, contextual e intertextual das metaimagens

A presente secção centra-se na categoria “tipo de metaimagem” (cf. Categoria 4 da Tabela 1), aprofundando cada subcategoria para melhor compreender a construção do “olhar chinês sobre nós”. Na análise de cada subcategoria adota-se uma abordagem imagológica em três etapas: (i) análise textual dos segmentos incluídos de ambos os viajantes-autores; (ii) análise contextual, situada nas variáveis “cenário da metaimagem” e “voz local”, bem como nos contextos históricos; e (iii) análise intertextual, que compara *A China vence o passado* e *Toda a China* e evidencia semelhanças e diferenças.

Porém, antes da análise dos segmentos, importa traçar um quadro comparativo com base nos dados quantitativos da Tabela 1. Identificaram-se 76 segmentos: 70% (53 segmentos) em *A China vence o passado* e 30% (23 segmentos) em *Toda a China*, apesar de esta última ter cerca do dobro da extensão ($\approx 77\,850$ versus 148 620 palavras), o que sugere maior densidade metaimagética no relato de Freitas. Quanto aos tipos de metaimagem, “forasteiro bem acolhido” (22 segmentos) e “indesejável” (21 segmentos) concentram-se sobretudo em Freitas (86% e 90%), ao passo que “exótico” (20 segmentos) e “periférico” (10 segmentos) pesam relativamente mais em Abreu (60% e 60%). “Avançado” (3 segmentos) ocorre apenas em Freitas (100%). Em termos de contextos de metaimagens, Freitas apresenta mais ocorrências em instituições oficiais (83%) e em interações com pessoas de autoridade (86%). Por seu turno, Abreu documenta proporcionalmente mais interações com a população (58%) e uma presença equivalente no espaço público (50%). Isto reforça a observação de que a viagem de Freitas é mais mediada pelas autoridades chinesas, enquanto a de Abreu é mais autónoma, com mais hipóteses de contactos diretos com a população local.

Partindo deste quadro comparativo com dados quantitativos, a discussão seguinte seguirá a estrutura de análises textuais, contextuais e intertextuais, mas a comparação também será assinalada quando pertinente nas primeiras duas etapas. A ênfase na comparação resulta da crença de que é por meio da comparação que se compreende mais facilmente a construção imagética, particularmente a sua variação diacrónica.

3.1. Forasteiro bem acolhido

Nesta valência, contam-se os segmentos em que o narrador interpreta como o olhar chinês sobre o viajante português é de acolhimento, cortesia ou deferência, desde gestos quotidianos de ajuda até fórmulas explícitas de amizade entre os povos chinês e português.

Análise textual

Em Freitas (1964), o acolhimento é frequentemente expresso por vozes chinesas em discurso direto e apoiado em léxico de amizade, paz e honra. Numa siderurgia, o chefe chinês afirma que ele e os trabalhadores se sentem “muito honrados com a visita de um português”, garantindo-lhe liberdade para perguntar e ver “quanto quiser” (p. 190). Depois, o viajante português foi considerado “mensageiro do teu povo”, sendo a sua presença “a visita de todo o povo” (p. 190), uma cena que cristaliza a hospitalidade como missão diplomática entre povos. Noutra passagem, a criança de uma escola saúda “o estrangeiro do outro lado dos mares” e pede que o visitante português transmita o cumprimento aos “filhos e netos” (p. 286). O acolhimento é também material: os oficiais de um museu militar ofereceram a Freitas uma medalha de “recordação amiga da visita do estrangeiro” (p. 293).

Em Abreu (2013a, 2014), o valor hospitaleiro tende a manifestar-se por pequenos privilégios práticos concedidos ao estrangeiro, mais do que por fórmulas solenes. Em 1980, após um controlo policial em Gongbei – fronteira entre Macau e o interior da China –, o viajante português foi parado e os polícias confiscaram o seu álbum do então líder nacionalista de Taiwan, Chiang Kai-shek. Porém, o viajante seguiu viagem “sem mais problemas” por ser “estrangeiro” (p. 359). Noutro episódio de 1995, em Chengdu, o visitante português obteve acesso especial ao recinto dos pandas “por ser estrangeiro e por pagar alguns *yuans* extra”, podendo até “dar uma maçã” ao animal (2013a, p. 271). Por fim, numa viagem em 2013, o viajante português comenta que “os roubos a estrangeiros são raríssimos na China” (2014, p. 148), projetando uma perceção de forasteiros privilegiados na China.

Análise contextual

Em Freitas, a hospitalidade é frequentemente enunciada por autoridades (militares, professores, dirigentes de fábricas) e encenada em instituições oficiais (museus, escolas, siderurgias), com o seu intérprete a mediar a voz chinesa. Sob esta triangulação (autoridade-instituição-intérprete), o viajante costuma ser transformado num representante do “povo português”, recebido com o discurso diplomático e institucional das autoridades chinesas.

Em Abreu, pelo contrário, a hospitalidade aparece deslocada para mais espaços públicos (jardim zoológico e, no geral, a China) e acionada por agentes de perfis mais variados. O acolhimento não resulta de um discurso diplomático, mas de observações ao privilégio que um forasteiro pode aproveitar na China.

Análise intertextual

Postos em paralelo, o “forasteiro bem acolhido” de Freitas e o de Abreu partilham o vetor da benevolência, mas divergem no registo e na função. Em Freitas, predomina o acolhimento institucional e diplomático, que enuncia a amizade sino-portuguesa e investe o visitante de uma missão mediadora. Em Abreu, prevalece o acolhimento social, materializado nos privilégios que o viajante aproveitou. A benevolência existe, mas é condicionada e contextualmente arbitrada. Em vez de grandes fórmulas em Freitas, Abreu oferece episódios com pequenas franquias que mostram o acolhimento chinês.

3.2. Indesejável

Nesta valência, que contradiz a metaimagem de “forasteiro bem acolhido”, reúne-se um conjunto de episódios em que o olhar chinês sobre o viajante português é de recusa, suspeição, contenção ou vigilância. O efeito narrativo é o de uma presença estrangeira – não especificamente portuguesa – percebida como ameaça, incómoda ou, no mínimo, não-desejada naquele espaço e tempo.

Análise textual

Em *A China vence o passado*, o “indesejável” emerge num contínuo que vai do desconforto social à contenção organizada, sendo o corpo do viajante observado, filtrado e contido. Numa cena de transporte, o narrador afirma que “não é situação agradável um europeu num barco carregado de chinas e alvo das atenções gerais” (pp. 50-51). A curiosidade chinesa, embora não agressiva, faz com que o corpo do forasteiro se destaque como intruso. Em interações de proximidade, os gestos quotidianos do viajante português falham: “Ofereço-lhes cigarros. Recusam. O chinês recusa sempre qualquer oferta de um estrangeiro desconhecido” (p. 157). Uma vez que “rarearam os europeus” em Wuhan, a curiosidade coletiva dos chineses no espaço urbano transformou-se em “pequenos ajuntamentos”, sinal de uma presença estranha que os lembrava, segundo o narrador, do Tratado de Tientsin assinado lá em 1858 após a derrota da China na expedição anglo-francesa (p. 184). Também do ponto de vista histórico, Pequim parecia-lhe “cidade hermética, de gente fechada”, onde o povo chinês “foge de contactos com o estrangeiro”, porque se lembrava da “humilhação imposta pela força das armas dos «bárbaros estrangeiros»”, que ainda na altura representavam “uma vaga ameaça” (pp. 216-7).

Porém, o viajante português sugere diferenças regionais na atitude em relação ao estrangeiro. Por exemplo, o povo de Xangai “não se recordava de outra vida a não ser aquela que levava” e “estaria, porventura, mais perto do meu [povo português]”; por isso, “sorria sem reservas” e não lhe via “o «bárbaro», mas um homem como eles” (pp. 307-308). Deste modo, as dimensões históricas e geográficas são

consideradas explicações das diferenças regionais na etiqueta social em relação ao estrangeiro.

Quanto à desconfiança face ao viajante português na China, a mesma é explicitada quando os chineses “mostram as suas instalações a poucos estrangeiros” e as “rodeiam de várias linhas de vigilância”, por receio de espionagem (pp. 183-185). Mais adiante, o viajante português acusa alguns autores ocidentais de exagerarem a vigilância chinesa aos estrangeiros, mas admite que existe “nisto um fundo de verdade” em que ele próprio foi “também acometido várias vezes” (p. 218). De facto, num enredo, o viajante suspeitava que um engraxador de hotel lhe retirava os sapatos, por ordem de autoridades, para o impedir de circular na cidade sem o guia local, mas a acusação especulativa acabou por ser contra o chinês ingénuo que apenas lhe engraxava os sapatos (pp. 186-187). Estes fragmentos constroem, por um lado, a cautela chinesa, pela qual a presença estrangeira na China é observada e controlada; por outro, a autocritica do narrador em relação à sua especulação daquilo que os chineses pensam sobre si.

A metaimagem de estrangeiro enquanto indesejável dilui-se relativamente em *Toda a China*, contando apenas dois excertos identificados, que dizem respeito à fricção procedimental e à barreira linguística. Na Expo Xangai 2010, o viajante português tentou entrar num pavilhão sem passaporte, invocando ligações a Macau e à família chinesa. O chefe de segurança perguntou-lhe: “Como é que eu sei que o que você diz é verdade?” (Abreu, 2013a, p. 97). O visitante chegou a exhibir-lhe uma fotografia da esposa e do filho para provar vínculos familiares, conseguindo assim entrar na exposição. Porém, a cena também sugere que a entrada seria impedida a um português que não trouxesse passaporte nem tivesse uma família chinesa. Numa outra narrativa, ao comprar um bilhete para Shenyang, em 2013, o viajante português não pronunciou bem o destino a que queria ir. A funcionária da bilheteira ficou impaciente quando as pessoas se acumulavam na fila, respondendo: “Não entendo o que está a dizer, você quer ir para um lugar que não existe.” (2014, p. 95). O português, no final, explicou de outra forma o destino e, assim, conseguiu comprar o bilhete. Todavia, isto também sugere que um português que não soubesse mandarim não resolveria este problema de comunicação e não seria bem atendido.

Análise contextual

Nos episódios de Freitas, a narrativa de estrangeiro como indesejável está ligada a um passado de agressões de poderes coloniais e a uma necessidade de segurança nacional no presente, materializada em “linhas de vigilância” em fábricas, recusa de objetos informacionais e gestão da mobilidade do forasteiro. Os governadores chineses citados falam em nome do povo sobre a necessidade destas medidas de

proteção. O próprio narrador também a justifica através de uma contextualização histórica, sugerindo que a prudência chinesa é inteligível à luz do seu passado.

Em Abreu, o cenário muda para a governação urbana num período mais recente: entrada de pavilhões de exposição e bilheteiras. A “voz local” não se apresenta como o “povo” em abstrato, mas como agentes funcionais de procedimento (segurança e funcionária de bilheteira), cuja tarefa é garantir conformidade documental e fluidez do serviço. A recusa contra o estrangeiro não é ideológica, mas burocrática e de barreira linguística. O estrangeiro não é “desejável” apenas quando não cumpre os requisitos operacionais (documento de identificação e comunicação eficaz).

Análise intertextual

Postos em paralelo, os dois modos do “indesejável” convergem na assimetria de poder (o chinês controla o acesso do estrangeiro), mas divergem nas razões e nos graus de recusa. Em Freitas, prevalece um paradigma de segurança e memória: o estrangeiro é potencial risco e lembrança traumática. A metaimagem que daí resulta é a de um “nós” visto como intrusão a gerir. Em Abreu, domina um paradigma procedimental: a barreira ergue-se quando o “nós” falha o rito (documento e língua). A indesejabilidade não se trata de rejeição do estrangeiro em si, mas do não cumprimento das regras que governam o fluxo. As diferenças entre Freitas e Abreu também coincidem com as mudanças contextuais, em que a China passou de uma sociedade mais controlada para mais aberta entre 1964 e 2013.

3.3. Exótico

Nesta valência, reúnem-se episódios em que o narrador atribui aos interlocutores chineses um olhar que toma o viajante-português como alteridade fascinada ou caricatural. No *corpus*, este tipo de metaimagem é mais frequente em *Toda a China* (60%; 12 segmentos) do que em *A China vence o passado* (40%; 8 segmentos).

Análise textual

Em Freitas (1964), o exotismo tende a ser observado com recato e enquadrado pelo narrador, que realça a rareza de presença de estrangeiros na China. Num barco, o viajante notou a atenção prestada à sua presença pelos passageiros, explicando que “alguns destes rapazes nunca tinham visto um estrangeiro” (p. 50). Outra vez, num comboio, “espalhara-se por todas as carruagens que um estrangeiro viajava no comboio”, levando passageiros “à entrada do meu compartimento”, alguns dos “mais afoitos sorriam-me” (p. 157). Numa visita a uma escola, as crianças tocaram o visitante português “no nariz!”, uma ação resultada do facto de que, conforme

explicou a professora, “nunca viram um estrangeiro!” (p. 92). O toque ingênuo das crianças, deste modo, sugere a aparência do português como marcador visível de diferença na China. Além disso, os chineses presumiam que o viajante português, como todos os “estrangeiros”, tomava chá com açúcar (p. 60, p. 156 e p. 194), um hábito não considerado “chinês”. Por fim, ao comentar sobre os chineses no geral, o viajante-narrador mostra-se consciente da “curiosidade perante o «bárbaro estrangeiro»” (p. 63), utilizando assim as aspas como dispositivos retóricos para se caracterizar a partir do olhar chinês.

Em Abreu (2013a, 2014), o exotismo também está relacionado, nas narrativas, com a rareza de estrangeiros na China. À semelhança de Freitas, Abreu andou de comboio, mas em 1983, chamando à atenção dos passageiros chineses que fizeram “fila para [o] olhar de viés ou observar demoradamente” (2014, p. 173). Numa viagem a Qinghai em 2013, o português observa que, “como de costume, sou o único estrangeiro” (2014, p. 35). Noutra viagem também em 2013, mas na Região Autónoma de Ningxia, o viajante português almoçou com um grupo de nove turistas chineses, especulando que “talvez a única em toda a sua vida [as companhias chinesas], têm um estrangeiro, um europeu à mesa” (2014, p. 152). Ademais, também à semelhança de Freitas, Abreu falou sobre o próprio nariz, mas num registo de autoironia: “[...] uma ou outra dentada das ratazanas, entusiasmadas com a descoberta de um estrangeiro, de nariz comprido” (2014, p. 57).

Em comparação com Freitas, o exotismo nas narrativas de Abreu é mais frequentemente acentuado pelo próprio narrador, com autoironia. Num contexto familiar, a sogra chinesa de Abreu “tratou sempre bem este exótico estrangeiro que lhe entrou em casa para lhe levar uma filha” (2013a, p. 91), uma formulação que encena, com humor, a alteridade íntima (o estrangeiro no seio da família) e condensa as tensões entre proximidade afetiva e diferença cultural. Em registos de viagem, multiplicam-se rótulos e equívocos, o narrador considera-se:

- “das estranhíssimas terras do Extremo Ocidente” (2013a, p. 181);
- “uma obtusa pessoa saída das profundezas de um qualquer inferno ou paraíso estrangeiro situado lá para as bandas do Extremo Ocidente” (2013a, p. 246);
- “o estranho *waiguoren* [estrangeiro], o feio estrangeiro, o português que provisoriamente lhes invadiu a pacatez da cidade [de Chengde]” (2013a, p. 331);
- “o exótico ocidental solitário pelas quebras recônditas do império” (2014, p. 35);
- “um confuso e exótico Extremo Ocidente” (2014, p. 147);
- “mais do que diferente, um obtuso filho das paragens do outro lado do mundo” (2014, p. 152);

- “este filho de um demónio qualquer nascido lá nas bandas do Ocidente” com “quanto exotismo e estranheza no rosto, na roupa, na fala, nos modos do homem de Portugal” (2014, p. 173);
- “rigorosamente um estrangeiro mais do que estranho” (2014, p. 199).

Partindo de um tom irónico, a autoexotização de Abreu constitui uma projecção que constrói ou reconstrói o olhar chinês sobre ele enquanto português, europeu, ocidental ou estrangeiro.

Análise contextual

Em Freitas (1964), o exotismo é filtrado por explicações que estabilizam o sentido a partir das condições sociais, tal como formula o intérprete Choi: “O estrangeiro viaja pouco de comboio [...] Seguem aqui pessoas das aldeias mais afastadas” (p. 157). Em vez de fazer do exotismo uma festa, o texto enquadra-o como efeito sociológico de escassez de contacto intercultural e, assim, neutraliza o potencial de desconforto, tal como diz o narrador: “Efectivamente, não encontrei nos curiosos passageiros qualquer sintoma de xenofobia” (p. 157). O repórter português afirma a existência de curiosidade mas não de hostilidade. Isto está explicitamente ligado pelo narrador à governança do Partido Comunista Chinês desde 1949: “A reabilitação chinesa deu a esta gente um sentido de segurança que ontem não tinha [perante o «bárbaro estrangeiro»]” (p. 63).

Em Abreu, o exotismo costuma ser expresso por uma voz local presumida pelo narrador, que utiliza adjetivos pejorativos para se caracterizar (“feio”, “confuso” e “obtusos”). A autoironia dirige-se retoricamente para a construção ou reconstrução do olhar chinês. Uma vez que Abreu viajou mais pelos espaços públicos e interiores, rurais ou periféricos – lugares onde o contacto com ocidentais é mais esporádico –, isto talvez seja uma razão pela qual há mais instâncias de (auto) exotização do que nos relatos de Freitas, que visitou mais as instituições nos espaços urbanos.

Análise intertextual

Postas lado a lado, as narrativas dos dois viajantes partilham o núcleo da valência – a raridade e visibilidade da aparência ocidental na China –, mas divergem quanto à sua forma narrativa. Em Freitas, a exotização é observada e normalizada: as cenas realçam a curiosidade sem dramatização, incorporando justificações do olhar chinês (geografia, hábitos e circulação limitada de estrangeiros). Em Abreu, a exotização é dramatizada pelo próprio narrador, acentuando, por vezes, uma autocaricatura que reforça a presença do viajante português enquanto única e distintiva.

3.4. *Português, povo periférico*

No *corpus*, encontram-se 26% (20 segmentos) de todas as 76 segmentos codificados em que o “Nós” é identificado como português. O número pode parecer reduzido, considerando que os dois viajantes em questão são portugueses. Neste contexto, na presente subsecção reúnem-se episódios em que o narrador projeta um olhar chinês que não reconhece, desloca ou dilui Portugal e os portugueses no mapa mental.

Análise textual

Em Freitas (1964), a periferia portuguesa aparece subtilmente materializada na sua curadoria do mundo chinês. Ao esperar numa sala para passar a fronteira entre Macau e a China, o narrador observa que há na mesa “dezenas de revistas, folhetos, livros e ilustrações em inglês, francês, russo e espanhol” (p. 47). Embora a ausência de português não seja problematizada nesta cena, é natural, do ponto de vista português, perguntar onde estão os materiais em português, tendo em conta que se encontra na fronteira entre Macau e a China. Uma semelhante situação aconteceu quando o visitante português estava numa livraria em Pequim, encontrando livros em inglês, francês e espanhol, mas não em português (p. 102). A única vez que o narrador explicitamente comenta a ausência de língua portuguesa foi numa visita a uma biblioteca na Escola do Magistério Secundário de Pequim (provavelmente a universidade hoje conhecida como Capital Normal University). Os chefes garantiram que há “um milhão e seiscentos mil volumes, «escritos em todas as línguas do mundo»”; porém, os chefes e o viajante descobriram que “só lá existem dois dicionários de português-inglês e inglês-português!”, uma “desolação para os chineses e para mim” (p. 299).

Comparado com Freitas, Abreu (2013a, 2014) repetidamente presume ou enfatiza que os chineses nunca ouviram falar de Portugal ou não sabem onde é Portugal:

- em 1983, “os camponeses chineses do comboio, em 1983, ignoravam existir [Portugal], mas que eu expliquei ficar no Sul da Europa” (2014, p. 173);
- em 2009, ao fotografar atores da ópera chinesa na rua da cidade de Yangzhou, tenta explicar-lhes “nem sempre com sucesso, que o meu país era Putaoya, Portugal ali ao lado de Xibanya, Espanha, na Europa” (2013a, p. 246);
- em 2013, fora de um mosteiro de Xining, na província de Qinghai, o viajante português, mal reconhecido por um grupo de crianças como “americano”, explicou que era “europeu”, mas não “português”, “porque de certeza as crianças não associariam o topónimo [de Portugal] ao nome de algum dos poucos países estrangeiros que conhecem” (2014, p. 30);

- ao andar no comboio também em 2013, a caminho de Baotou (Mongólia Interior) para Yinchuan (capital de Ningxia), o viajante português, para explicar aos companheiros chineses de onde vem, “patrioticamente a desdob[ou]-me na resposta, com os chavões do costume, até porque muitas destas pessoas não fazem a mínima ideia do que é e onde fica Portugal” (2014, p. 147);
- ao falar com os estudantes da Universidade de Yinchuan, em 2013, o viajante português sentiu-se também da necessidade de localizar Portugal, “um país pequeno ao lado da Espanha, da França, da Itália, no Sul da Europa” (2014, p. 163).

Resumindo, nos relatos de Abreu, supõe-se frequentemente que chineses de perfis e períodos distintos não sabem o que é Portugal ou onde este país fica.

Análise contextual

Em Freitas (1964), as ocorrências situam-se em instituições oficiais, onde o português costuma ser recebido enquanto representante do seu povo. No entanto, vários excertos categorizados em “Forasteiro bem acolhido”, da subsecção 3.1, implicam que, na verdade, os governadores e chefes chineses não têm muito que dizer sobre o povo português:

- “temos notícia de que o povo português é igualmente bom e amigo” (p. 59);
- “não esqueça as nossas saudações para o seu povo um povo amigo e distante...” (p. 150);
- “temos poucas novidades do povo português, mas sabemos que é um bom povo, amigo do povo da China” (p. 176);

Os discursos elogiosos recorrem a adjetivos vagos, “bom” e “amigo”; acresce que um governador confirma que se ouvia pouco sobre Portugal na China. Na verdade, numa ocasião em que uma funcionária dos caminhos-de-ferro se orgulhava do comboio totalmente feito na China, o viajante português, ao ser interpelado, supôs ter sido confundido com um “russo” (pp. 205-6). Esta reação pode relacionar-se com o clima da cisão sino-soviética: em 1960, a URSS retirou abruptamente os seus técnicos da China, e as polémicas ideológicas de 1963-1964 tornaram públicas.

Em comparação, Abreu (2013a, 2014), que relata mais cenas no espaço público, reitera que os chineses – crianças, camponeses, estudantes universitários, etc. – não conhecem o país ou não fazem a mínima ideia de onde este é, desde os anos 1980 até 2013. À semelhança de Freitas, Abreu também foi, em 2013, mal

reconhecido como pertencente a outro povo – não russo, mas americano – por um grupo de crianças (2014, p. 30). Isto sugere, de certo modo, que, pela sua aparência, um português pode ser tomado por russo nos anos 1960 e por americano na última década, na China.

Análise intertextual

Lado a lado, os dois autores convergem na constatação de que os chineses desconhecem Portugal, mas divergem na modalidade da sua (re)construção narrativa. Em Freitas, a periferia é subtil e material, inserida sobretudo nas descrições de cenários (inexistência de livros portugueses) e também implicada nos cumprimentos diplomáticos dos governadores chineses (português enquanto um povo “bom”, “amigo” e “distante”). Em Abreu, a periferia do povo português no olhar chinês é presumida pelo narrador, que reitera o desconhecimento de Portugal na China.

3.5. Avançado

Por último, nesta valência, reúnem-se três segmentos em que o narrador de Freitas (1964) – mas não o de Abreu (2013a, 2014) – projeta um olhar chinês que reconhece implicitamente no visitante uma disposição moderna ou progressiva.

Análise textual

Num barco, um chinês aproxima-se do viajante português para “olhar fixamente” o seu relógio não por causa do relógio em si, que o chinês “possui outro idêntico”, mas de “o ponteiro dos minutos estar colocado ao centro do mostrador” (Freitas, 1964, p. 51). O narrador não aprofunda muito a razão, mas a descrição retórica sugere que o ponteiro do relógio do viajante é de uma tecnologia mais recente do que o chinês desconhecia. Noutro passo, um chefe de uma fábrica afirma que “os vencimentos, todos nós concordamos, são ainda baixos e o nível de vida do operário na China não pode comparar-se com o dos seus camaradas de certos países da Europa” (p. 193). Terminada a visita à fábrica, o mesmo chefe pediu “críticas” ao visitante português (p. 194). O enredo implica tanto que o chinês estava a ser humilde como que o mesmo olhava o português enquanto pertencente a uma sociedade com tecnologia mais avançada.

Análise contextual

Enquanto o primeiro excerto ocorre num espaço cívico em relação a um chinês, passageiro de barco, e os outros dois, em ambientes institucionais, sob a voz de autoridade. Desta forma, sugere-se que em ambos os contextos o viajante foi visto como pertencente a um país mais avançado. Porém, nenhum destes momentos menciona explicitamente que os interlocutores chineses sabem que o viajante vem

de Portugal. Desta forma, a imagem de “avançado” talvez não seja atribuída tanto à identidade portuguesa, mas à identidade europeia ou ocidental.

Por outro lado, não se identifica em Abreu (2013a, 2014) nenhum momento em que o viajante português é posicionado ou se posiciona como mais avançado em relação aos chineses. Ao contrário, o narrador menciona várias vezes o desenvolvimento rápido da sociedade chinesa, destacando, por exemplo, o “modo como se vivia nas cidades chinesas nos anos de 1978, 1988, 1998 e 2008, sempre com enormes saltos positivos na qualidade de vida dos cidadãos” (2013a, p. 99).

Análise intertextual

Enquanto Freitas (1964) navegava ainda na década de 1960, em que o viajante era implicado como originário de um povo mais avançado do que os chineses, Abreu (2013a, 2014) não apresenta nenhuma equivalência, provavelmente porque já se trata de um período mais recente, em que o foco das narrativas relativas à modernidade reside no desenvolvimento urbano da China.

Conclusão

Para estudar a construção de metaimagem (a projeção de como supomos que o Outro nos vê a nível nacional) em *A China vence o passado* e em *Toda a China*, o presente estudo combinou métodos manuais e digitais para ler, recolher e codificar segmentos elegíveis. Assim, foram identificados 76 segmentos (70% em Freitas; 30% em Abreu), anotados e organizados em cinco tipos de metaimagens e outras variáveis contextuais de construção imagética (categorias, definições e dados quantitativos na Tabela 1). Este *corpus*, por fim, foi submetido à análise imagológica – textual, contextual e intertextual – centrada nos cinco tipos de metaimagem. O objetivo principal não foi explorar e descrever o olhar chinês sobre portugueses, mas sim a sua (re)construção discursiva realizada pelos dois viajantes-autores.

Quanto à primeira questão de investigação sobre (i) que tipos de metaimagem existem, foram identificadas, definidas e exemplificadas cinco valências: “forasteiro bem acolhido”, “indesejável”, “exótico”, “português, povo periférico” e “avançado”. Em relação à segunda questão sobre (ii) como as metaimagens são construídas, ambos os narradores oferecem as próprias observações ou reflexões ou utilizam discursos diretos ou indiretos para atribuir palavras a uma voz chinesa, real ou presumida. Estas podem ser um ou vários chineses que representam a população, autoridades ou serviços, tanto nos espaços públicos, institucionais e cívico-comerciais. O viajante é tratado como português, europeu, ocidental ou estrangeiro na China; acontece que é mal reconhecido como russo (em Freitas) ou americano (em Abreu).

Isto leva-nos à última questão sobre (iii) que semelhanças e diferenças emergem entre os relatos dos dois viajantes. Freitas oferece narrativas sobretudo ocorridas em instituições e pela voz de autoridades, com maior presença de discurso direto ou indireto, compondo ocorrências residuais de europeu ou ocidental enquanto “avançado” (apenas em Freitas) e duas valências dominantes – “forasteiro bem acolhido” e “indesejável”. A contradição entre estas duas categorias pode ser explicada, conforme mostra Freitas, pelas condições de viagem e pela história da China: por um lado, as suas visitas na China são sempre coreografadas pelas autoridades, que tomam uma posição diplomática para o receber bem; por outro, Freitas associa várias vezes à recusa ou antipatia dos chineses à invasão dos poderes ocidentais no passado. Por seu turno, Abreu projeta um olhar mais quotidiano, centrado no espaço público e na população vulgar, com autoironia do narrador e maior peso das valências “exótico” e “português, povo periférico”. Apesar destas diferenças e dos contextos históricos distintos, os dois viajantes registam igualmente a visibilidade e raridade dos estrangeiros na China, construindo um olhar chinês que acolhe, rejeita, exotiza e/ou desconhece o povo português, europeu ou ocidental.

Por conseguinte, os resultados do presente estudo contribuem para uma melhor compreensão da construção de metaimagem na literatura portuguesa de viagens à China. Em termos de imagologia, este caso sino-português oferece um exemplo distintivo de metaimagem, em que não se destaca pelo antagonismo, o que contrasta com as metaimagens estudadas em outros pares culturais (Leerssen, 2016; Millas, 2009). Embora o *corpus* seja restrito apenas aos relatos de dois viajantes, a metodologia delineada no presente trabalho constitui um ponto de partida para futuras investigações que incluirão mais títulos, talvez de diferentes períodos de tempo, para assim detetar e desconstruir padrões diacrónicos ou sincrónicos de metaimagem com maior robustez.

Referências

- Abreu, A. G. de. (2013a). *Toda a China (Vol. I): Descobrir, desvendar, entender o mundo chinês*. Lisboa, Portugal: Guerra & Paz.
- Abreu, A. G. de. (2013b). *António Graça de Abreu, é Toda a China, é TVI 24* [Vídeo]. YouTube. Consultado em https://www.youtube.com/watch?v=8w_ujW2tUDE
- Abreu, A. G. de. (2014). *Toda a China (Vol. II): Descobrir, desvendar, entender o mundo chinês*. Lisboa, Portugal: Guerra & Paz.
- Almoço de homenagem a Amadeu de Freitas, redactor principal de *O Século*. (1924, Março 15). *Ilustração Portuguesa*, 943, 337. Consultado em https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ilustracaoport/1924/Marco/N943/N943_master/IlustPort1924N943.pdf
- Aresta, A. (2021, 27 de agosto). José de Freitas: Um jornalista na China. *Jornal Tribuna de Macau*. Consultado em <https://jtm.com.mo/opiniao/jose-de-freitas-um-jornalista-na-china/>

- Caeiro, A. (2016). *Peregrinação vermelha*. Lisboa, Portugal: Dom Quixote.
- Cardina, M. (2010). *Margem de certa maneira: O maoísmo em Portugal: 1964–1974* [Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra].
- Castanheira, M. Z. (2011). Troca de olhares entre Portugal e a Inglaterra na literatura de viagens da segunda metade do século XIX: Lady Jackson e Eduardo Coelho. *Dedalus – Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, 14/15, 391–408.
- Freitas, A. de. (1923). *Correspondência de Amadeu de Freitas (director de O Século)* (PT-AHS-ICS-PQ-CP-083). Arquivo de História Social, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Consultado em <https://www.ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/correspondencia-de-amadeu-de-freitas-director-de-o-seculo>
- Freitas, J. de. (1964). *A China vence o passado*. Edições Cosmos.
- Leerssen, J. T. (2016). Imagology: On using ethnicity to make sense of the world. *Iberic@ I: Revue d'études Ibériques et Ibéro-Américaines*, 10, 13–31.
- Lopes, M. dos S. (2015). *Identidade em Viagem. Para uma História da Cultura Portuguesa*. Lisboa, Portugal: UCP Editora.
- Marques, A. H. de O. (1981). *Guia de História da 1.ª República Portuguesa*. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa.
- Millas, H. (2009). Perceptions of Conflict: Greeks and Turks in each other's mirrors. In O. Anastasakis, K. Nicolaïdis, & K. Öktem (Eds.), *The long shadow of Europe: Greeks and Turks in the era of postnationalism* (pp. 95–114). Leiden, Países Baixos: Brill.
- Pinto, A. (Director). (2014). *Toda a China* [Televisão]. Lisboa, Portugal: RTP. Consultado em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/toda-a-china/>
- Pinto, F. M. (2023). *Peregrinação*. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim. (Obra original publicada em 1614)
- Rebello, L. F. (1984). *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Lisboa, Portugal: Brasília Editora.
- Wang, J. (2023). *Viajantes Lusófonos na China: Questões culturais na Literatura de Viagem a partir de Maria Ondina Braga e António Graça de Abreu* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Yao, J. M. (2021). Traduzindo a China literária. *Rotas a Oriente. Revista de Estudos Sino-Portugueses*, 1, 199–214. doi:10.34624/RO.V0I1.26205

Data de receção: 1/11/2025

Data de aprovação: 27/1/2026